

A lavoura é a salvação do Brasil

OUTRO dia fui a um jantar em homenagem ao nosso grande Roberto Burle Marx e aconteceu que puse-ram ao lado dêle, à sua mão direita, no lugar de honra, não uma das numerosas damas de destaque ou dos muitos cavalheiros importantes que havia ali, mas um frangote melífluo de enormes bigodes e basta cabeleira, com roupa de listras escandalosas e ar de gênio. Perguntei quem era, me disseram que era um pintor francês "muito interessante, imagine que êle pinta diretamente com as bisnagas de tinta".

Isso quer dizer que continuamos com a chamada mentalidade colonial, ou basbaquial, dando cartaz a qualquer cabotino que apareça com duvidosa bossinha. Fiquei triste, porque eu já andava projetando raspar os bigodes do Mário Cravo e as barbas do Antônio Bandeira, apesar de estimáveis artistas nacionais! Com que direito posso fazê-lo agora? De qualquer modo a visão daquele peralvilho gaulês trouxe-me à lembrança um velho plano para o desenvolvimento de nossa lavoura. O pessoal da lavoura está vindo todo para o Rio e as grandes cidades; é preciso, portanto, mandar gente para lá. Claro que é preciso amarrar as pessoas, e isso não é muito constitucional, mas afinal de contas esta nossa Constituição tem sido tantas vezes violada que uma vezinha mais não tem importância, e o caso é de salvação nacional. Além disso a gente daria um nome bonito à coisa como Voluntários da Lavoura, ou Amantes do Campo, Amigos da Natureza, Bandeirantes Agrícolas, Monções das Sementeiras, qualquer coisa assim. A primeira turma poderia ser de poetas concretistas, juntamente com teóricos e críticos; em matéria de críticos devemos ser bem liberais: podemos mandar críticos de toda espécie, desde aquêles sujeitos que ainda falam em cinema mudo até aquêles outros que no intervalo de um Fla x Flu botam doutrina chamando o segundo tempo de "etapa complementar" e dizendo que o time que está perdendo está "inferiorizado no marcador".

Outro escalão poderia ser de pessoas que usam as palavras "vivência" e "conjuntura" e incluir diversos economistas e alguns sociólogos, que só poderiam lucrar com um demorado contato com a terra através da enxada.

Acho que a brilhante classe dos radialistas também poderia enriquecer os nossos eitos; seria um espetáculo empolgante ver cantores e radiadores, lado a lado, amanhando o chão de nossa querida pátria. Neste ponto, aliás, não devemos admitir protecionismos; não só o radioteatro como todo o teatro, inclusive o de vanguarda, deve ser beneficiado, jamais esquecendo a televisão, e, dentro da televisão, as modestas porém sinceras garôtas-propaganda, alguns finos humoristas e animadores — mas que falta fazem animadores em nossas fazendas!

* * *

DEIXO a critério dos leitores organizar outros esquadrões, que podem incluir "playboys", cronistas mundanos, "public-relations", motociclistas, senhoras que se deixam psicanalisar por médicos pintosos, poetisas (ah, se conseguíssemos algumas declamadoras, seria divino!), radioamadores, técnicos em publicidade, filatelistas, caçadores de autógrafos, paredros esportivos, rotarianos, enxadristas eméritos, pelo menos quatro dos e das dez mais elegantes e algumas candidatas a Miss Brasil com respectivos genitores. Nunca esquecer de levar alguns charadistas e trocadilhistas para entreter as pessoas nos lazeres dominicais.

Está claro que certas personalidades estrangeiras que nos visitam podem ser docemente compelidas a praticar durante alguns meses a lavoura tropical em completa igualdade de direitos com os nossos queridos patrícios. Não seria lindo ver o velho Lin Yutang lavrando a nossa terra cabocla e jovem com sua milenária sabedoria chinesa?

Meninos, é na lavoura que está a salvação do Brasil.